

COMO SERÁ CONTADA ESSA OUSADIA POLÍTICO CULTURAL? BREVE ABORDAGEM SOBRE A PRÁXIS CULTURAL DO MOVIMENTO RURAL SEM TERRA DO BRASIL (MST) NO QUINQUÊNIO 2002-2007

Juliana Bonassa Faria¹

Resumo: O presente artigo apresenta uma breve reflexão sobre os elementos contra-hegemônicos existentes na experiência cultural do MST, no quinquênio 2002-2007, bem como a prática cultural e relação com a política no seu processo de luta. A análise teve como eixo central a busca pela compreensão da relação política e cultural na prática do MST. O ponto de partida foi a análise da produção cultural e artística (prioritariamente teórica) ligada à estratégia do MST. Priorizamos a análise de relatórios, documentos, estudos de militantes e assessores do MST, entre outras publicações da e sobre a cultura no MST. A seleção das experiências culturais e o marco cronológico constituíram a possibilidade de aprofundamento dos elementos presentes neste artigo.

Palavras-chave: Cultura; Contra-hegemônico; Política; Práxis; Luta

¹ Mestra em Artes Visuais (Escola de Bellas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ), licenciada em História da Arte (Universidade de Oriente de Santiago de Cuba), militante do Coletivo Nacional de Cultura do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-4131-866X> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4207959302947645> E-mail: julianabonassa@gmail.com

¿CÓMO SE CONTARÁ ESTA AUDACIA POLÍTICO-CULTURAL? BREVE ABORDAJE SOBRE LA PRAXIS CULTURAL DEL MOVIMIENTO RURAL SIN TIERRA DE BRASIL (MST) EN EL QUINQUENIO 2002-2007

Resumen: El presente artículo presenta una breve reflexión sobre los elementos contrahegemónicos existentes en la experiencia cultural del MST en el quinquenio 2002-2007, así como una reflexión sobre la práctica cultural y su relación con la política en el proceso de lucha del MST. El análisis tuvo como eje central la búsqueda de la comprensión de la relación política y cultural en la práctica del MST. El punto de partida fue el análisis de la producción cultural y artística (principalmente teórica) vinculada a la estrategia del MST. Priorizamos el análisis de informes, documentos, estudios de militantes y asesores del MST, entre otras publicaciones de y sobre la cultura en el MST. La selección de las experiencias culturales y el marco cronológico constituyeron la posibilidad de posibilidad de profundizar en los elementos aquí analizados.

Palabras clave: Cultura; Contrahegemónico; Política; Praxis; Lucha.

Introdução

Em suas quatro décadas de existência, o MST entendeu desde cedo que a luta pela terra, pela Reforma Agrária e pela transformação social não seriam viáveis sem ter a cultura como uma de suas frentes orgânicas. A ideia de processos contínuos de formação e organização nos campos cultural e artístico confere ao MST um *status* diferenciado no contexto da luta dos movimentos sociais no Brasil. Ao entender a cultura e a arte para além do lúdico e do entretenimento, tendo como ideia central a cultura como produção e reprodução da existência humana, a militância do MST vivencia cotidianamente processos de caráter marcadamente contra-hegemônico no campo cultural e no todo da luta a que se dedica.

Decidimos iniciar com essa afirmação, pois o intuito de nosso artigo é trazer aos leitores alguns elementos basilares sobre a compreensão do fazer cultural no MST, seus vínculos com a luta política, suas elaborações teóricas, bem como a produção de sua militância e seus debates coletivos. Sabemos que a abrangência do tema central é mais ampla do que a que apresentaremos neste escrito, porém, acreditamos importante propor esse ponto de vista sobre alguns elementos que orientam essa práxis cultural em luta.

O complexo caminho entre a conquista de direitos básicos, que vão desde o direito à palavra, à alfabetização, até a capacidade de intervenção política e cultural concreta, abre possibilidades para que os militantes do MST se forjem para a luta no próprio processo de enfrentamento. A ideia da construção permanente dos sujeitos em coletivo, proporciona um processo formativo que precisa ser constantemente reinventado. E é justamente nessa necessidade que a cultura encontra no MST um espaço fecundo de desenvolvimento.

Vale ressaltar que os elementos centrais deste artigo fazem parte da dissertação de mestrado intitulada *A relação entre política e cultura na práxis do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Brasil (MST). Reflexão sobre elementos contra-hegemônicos existentes na prática cultural do MST no quinquênio 2002-2007*, defendida no Programa de Mestrado em Desenvolvimento Cultural Comunitário, da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Oriente, em Santiago de Cuba, no ano de 2015. No referido exercício acadêmico, buscamos construir um processo de sistematização das

elaborações teóricas e práticas que permeiam o fazer cultural do MST. Desde referenciais teóricos amplos do campo da cultura, bem como das elaborações da militância do MST que atuam em diferentes frentes e setores da organização. Pela abrangência do artigo, optamos por destacar os elementos de produção de conhecimento, trocas de saberes, processos formativos e construções teóricas que se destacaram no quinquênio pesquisado (2002-2007), porém que permanecem como questões latentes na práxis cultural atual do Movimento.

No que se refere à categoria Cultura, alguns dos referenciais pesquisados foram: Chauí (2001); Camargo & Carvalho (2008); Schwarz (1987); Williams (1992; 2011; 2013); Coutinho (2011); Schelling (1990); Leitão (2007); Camargo (1996); Bosi (2003) e Coletivo Nacional de Cultura do MST (2018). Nesses autores encontramos elementos centrais que nos forneceram um referencial crítico que lançou as bases para uma compreensão dialética das complexidades do conceito de cultura e suas diversas relações.

Sobre o MST e sua luta política no território, nos baseamos em Mançano (1996; 2000); Comparato (2000); Silva (2004); Moura (2010); Morissawa (2001) e Santos (2005). Nos autores estudados, pudemos encontrar a fundamentação teórica em relação ao processo histórico da luta do MST, bem como o desenvolvimento das fases da luta e os principais desafios enfrentados.

No que se refere ao desenvolvimento da cultura e sua relação com a práxis do MST, selecionamos alguns autores, tanto externos quanto internos ao Movimento, cuja leitura nos permitiu um processo de recontagem histórica e análise das experiências culturais, entre eles: Coletivo de Cultura do MST (2010; 2012; 2014); Bonassa (2011; 2013); Litvin & Masieiro (2014; 2015); Bogo (2000); Coletivo de Cultura Comunicação e Juventude do MST (2007); Frozi (2010); Loop (2010); Moreti (2011); Santos (2005); Sottilli (2010) e Waskievicz (2011). Isso nos proporcionou uma diversidade analítica em relação às experiências culturais do MST.

Para o desenvolvimento do processo educativo e formativo, nos apoiamos nos seguintes autores: Caldart (2000); Freire (1981 e 2004); Heredia (2010); Vázquez (1977); Lima (2011) e Pizetta (2004). Referenciais que nos ofereceram elementos em relação ao processo integral de formação dos sujeitos Sem Terra, ponto central no debate cultural do MST.

Deste compilado teórico pudemos observar que a relação entre a produção cultural e a estratégia do MST faz parte de um processo não linear e não homogêneo em desenvolvimento. Pois, entendemos que, à medida que a luta do MST se desenvolve, esse processo favorece a conscientização e a conquista dos direitos dos trabalhadores, mas, ao mesmo tempo, constrói um pensamento e uma prática com as especificidades, contribuições e limites próprios do processo de luta.

Algumas ideias centrais que orientam a prática cultural do MST e seus vínculos com a Formação dos Sem Terra

Para pensar o papel da cultura no processo de transformação social, é necessário pensá-la como um todo. Este é um processo contínuo e diversificado; onde ao mesmo tempo em que o processo de transformação social se constrói na sua própria práxis, também se constrói a cultura que o suporta e o fortalece.

Os processos de lutas sociais em busca de transformação, como no caso do MST, apresentam como principal bandeira a urgência em superar as carências e desconfortos latentes na realidade vivida. Estes, principalmente de natureza social e econômica, são em grande parte o que impulsiona esses processos de luta. E essa projeção de objetivos imediatos pode, de certa forma, ofuscar a importância de se ampliar os objetivos da luta para a compreensão da importância de se lutar e conquistar direitos aparentemente não tão palpáveis, como são as casas, a agroindústria, as estradas, os créditos, entre outros.

A luta pelo direito à alfabetização, ao acesso à produção cultural da humanidade, a escrever e se expressar, a intervir e participar dos processos constitutivos de uma determinada comunidade pode parecer um detalhe, mas no nosso entendimento é o pilar central do que chamamos de processos emancipatórios. Isso se revela na luta por direitos, que se torna um processo fundamental de construção de uma nova sociabilidade. Paulo Freire (2004) enfatizou essa questão:

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém

como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato, não para me adaptar, mas para mudar. (Freire, 2004, p. 79)

A essência da questão não é banalizar o debate no sentido de dar prioridade a uma ou outra necessidade. Não se trata de hierarquizar graus de importâncias entre a luta por melhorias estruturais, econômicas e sociais, e as melhorias do ponto de vista cultural, que engloba todas as anteriores e, também, a educação, o conhecimento, os comportamentos, os valores. No fundo, o que vincula todas essas questões é o modo de conceber e produzir a existência humana, compreendida como cultura. No caso do MST, essa forma de conceber e produzir a existência é mediada pela luta travada pelo Movimento, ao mesmo tempo, não está fora da dinâmica cotidiana e das contradições vivenciadas pela sociedade brasileira.

Por essas razões, propor-se a construir processos emancipatórios que nasçam da articulação do processo de construção do sujeito de acordo com as necessidades de transformação é um ato de rebeldia. O MST está se afirmando na construção de um sujeito social que luta e reafirma um trabalho que é antes de tudo rebelde. Mas, como sabiamente nos alertava Paulo Freire, as questões de mudança são tão profundas que precisam sair da rebeldia para posições revolucionárias.

A rebeldia como denúncia precisa ser ampliada para uma posição mais radical e crítica, a posição revolucionária, fundamentalmente anunciadora. A mudança do mundo implica a dialética entre a denúncia da situação desumanizadora e o anúncio de sua superação, enfim, o nosso sonho. (Freire, 2004, p. 81)

O desafio é como conjugar as duas esferas na construção do processo emancipatório. Como fazer com que, ao mesmo tempo em que melhorias estruturais sejam alcançadas, elas respondam a preceitos emancipatórios. E é nesse ponto que surge a necessidade de repensar o lugar da cultura no processo de transformação social. Nesse sentido, a cultura pode ser entendida como o caminho para a mudança. Porém, para abordarmos as formas de produção cultural do MST precisamos entender algumas questões em relação à cultura no MST.

A primeira questão é que a prática cultural do MST não nasce do nada, nem se forma de maneira isolada. Ela é fruto de um processo que vem da luta de classes em um país como o Brasil, cujo desenvolvimento tem sido um processo permanente de negação e assimilação das contradições; com a implementação de uma caracterização homogeneizadora do processo de formação cultural, de caráter opressor e excludente.

Esses elementos contribuem para a formação de um processo de aceitação uniforme de um sentimento de pertencimento alienante. E sua dinâmica cultural é dialética, pois enfrenta e assimila contradições, assim como a dinâmica cultural brasileira. Em outras palavras, não podemos entender a prática cultural do MST sem entender a prática cultural brasileira. E essa experiência é bastante complexa, como nos explica Carlos Nelson Coutinho (2011):

O problema central da cultura brasileira - isto é, em termos gramscianos, a escassa densidade nacional-popular de seus produtos - tem sua gênese na ausência de um "grande mundo" democrático em nossa sociedade..., ausência resultante dos processos de transformação pelo alto (... "revolução passiva") que marcaram a história brasileira, impedindo ou dificultando a participação criativa popular nas diversas esferas de nosso ser social. A principal consequência dessa constelação sócio-histórica no plano da vida cultural brasileira foi a preponderância de uma "cultura ornamental", elitista, que muito dificultou a construção de uma efetiva consciência crítica nacional-popular entre nós. (Coutinho, 2011, p. 10)

A segunda questão é que "a cultura é o arsenal da práxis da existência humana" (Bonassa, 2011, p. 26), o que significa distinguir que a Cultura é para o MST a produção e reprodução da existência humana em todas as suas esferas, com uma perspectiva emancipatória anunciada e reconhecendo a luta como uma de suas matrizes fundamentais. Isso nos permite pensar que a totalidade da luta do MST também se articula com uma ideia de Cultura como forma de concretização da vida. Como podemos verificar na elaboração do Coletivo Nacional de Cultura do MST, que em seu *Caderno Cultura e Reforma Agrária Popular* (2018), nos apresenta uma leitura que conecta a origem da palavra Cultura e sua intrínseca relação com a terra, o chão onde se desenvolve a vida.

No caso da palavra Cultura encontramos muitos significados que foram mudando com o desenvolvimento da humanidade. Compreender alguns dos significados dessa palavra pode nos ajudar a entender muitas das nossas relações sociais, da história da humanidade, dos nossos valores, das nossas formas de pensamento, costumes, hábitos. Na origem, o termo cultura vem da palavra latina *colere*, e significava habitar, cultivar, proteger, honrar. A origem da palavra cultura está ligada à vida rural, ao campo. A palavra significava ocupar a terra, trabalhar na terra, viver na terra. Ocupar a terra é um ato cultural. Ocupar a terra e nela produzir a vida está na origem da agricultura. (Coletivo Nacional de Cultura do MST, 2018, p. 9-10)

Como podemos observar a relação entre os seres humanos, o cultivo, o cuidado e a terra são as bases que calçam a compreensão e o exercício permanente da Cultura no e do MST.

O agricultor cultiva o campo, e cultivar é o trabalho de produzir uma cultura, como uma cultura de cereais, uma cultura de trigo. O termo que está na origem da palavra cultura também estava ligado à proteção e ao cuidado. O agricultor também protege, cuida da natureza, cuida das plantas, cuida dos animais, como na apicultura, na piscicultura, na suinocultura ou na bovinocultura. A palavra de base para designar a ação de ocupação da terra, umas das origens da cultura, era a palavra latina *colo*. É daí que vem o nome que até hoje é usado em algumas regiões de nosso país, como no sul, onde o camponês que ocupa a terra e nela trabalha é chamado de colono. A raiz da palavra é a mesma, *colo*. Ela também serviu de base para o termo colonizar. Mas a palavra colonizar adquiriu um novo sentido com a colonização, muitas vezes ligada ao sentido de dominação. O colonizador português invadiu as terras ocupadas pelos povos indígenas, dando início ao processo de colonização que resultou no Brasil. Cultura, acesso à terra ou concentração da terra, colonização, criação ou destruição de culturas, são todos processos históricos que estão por trás do significado da palavra cultura. Vemos que a cultura e sua relação com a terra, com a posse e o domínio da terra, com o trabalho na terra, sempre esteve ligada aos processos de luta de classes, econômicos e políticos. A cultura tem sido um amplo campo de disputa de significados e de modos de vida. Cultura, economia e política não se separam ao longo da história. E nos dias de hoje não é diferente. (Coletivo Nacional de Cultura do MST, 2018, p. 10)

É importante também estabelecer a relação vital entre cultura e território. Uma vez que o arsenal a que nos referimos — a cultura — é também um conjunto de definições de natureza política que estão em confronto direto com as formas homogeneizadoras e o arsenal cultural do sistema capitalista. E esses processos

se dão num espaço de configuração complexa e permanente disputado. Para Milton Santos (2005), é preciso pensar o uso do território e contrapor a ideia de conceitos puros para compreendê-lo:

Vivemos com uma noção de território herdada da Modernidade incompleta e do seu legado de conceitos puros, tantas vezes atravessando os séculos praticamente intocados. É o uso do território, e não o território em si, que o torna objeto de análise social. É uma forma impura, um híbrido, uma noção que, por isso mesmo, carece de revisão histórica constante. O que tem de permanente é o facto de ser a nossa imagem da vida. A sua compreensão é, por isso, fundamental para evitar o risco de alienação, o risco de perder o sentido da existência individual e colectiva, o risco de renunciar ao futuro. (Santos, 2005, p. 255)

Portanto, questões como a forma de organização das comunidades, o que é colhido, o cuidado com os seres humanos que vivem nas comunidades do Movimento Sem Terra, a educação, as questões de gênero, a comunicação, a saúde, entre outras, são exercícios de enfrentamento praticados no dia a dia. E formam uma atividade cultural complexa que nos permite aproximar da ideia de que no MST podemos falar de uma Cultura Política, que se baseia na luta.

A terceira questão é que toda a construção teórica e prática da cultura no MST tem sua gênese nas contradições e confrontos encontrados e não apenas aqueles derivados da luta do MST. Isso nos permite afirmar que no Movimento Sem Terra podemos falar de uma construção da cultura que também se desenha em permanente diálogo e confronto com processos externos ao próprio MST. E este elemento é importante na medida em que se trata de uma dinâmica cultural que se desenvolve e que, ao mesmo tempo, se configura no confronto com a dinâmica cultural hegemônica. "O MST é uma organização social e política que assume a cultura como um de seus aliados fundamentais, que atua como catalisador de processos políticos e como meio de intervenção coletiva" (Bonassa, 2011, p. 26). Isso nos permite reconhecer uma profunda relação entre cultura e política na práxis geral do MST.

A quarta questão é que, no que diz respeito à produção cultural no MST, podemos detectar desde o seu início uma preocupação com:

Os mecanismos de construção da hegemonia do sistema capitalista a partir de dimensões que nem sempre são trabalhadas pelos movimentos, partidos, organizações de

esquerda, aqueles que respondem às esferas da constituição do indivíduo, modos de vida, valores, ética, gostos, aprendizagens, entre outros. (Bonassa, 2011, p. 61)

Na cartilha *Cultura, Arte e Política no MST* (2014), organizada pelo Coletivo Nacional de Cultura, encontramos um texto que sistematiza alguns conceitos frequentemente utilizados nos processos de elaboração, debates e práticas culturais do Movimento. Entre vários conceitos, destacamos o seguinte:

Em *Marxismo e Literatura* (1979), Raymond Williams afirma que o conceito de hegemonia inclui e ultrapassa os conceitos de "cultura" e "ideologia". No caso da "cultura", o conceito de hegemonia vai além dela porque entende que as formas de dominação e subordinação presentes numa sociedade dividida em classes devem ser reconhecidas na cultura e, portanto, o pressuposto de que a cultura é a forma como a humanidade define e molda a sua vida funciona apenas como uma abstração. Marilena Chauí sintetiza a questão afirmando que a hegemonia é a cultura numa sociedade de classes... E quanto à "ideologia", o conceito de hegemonia vai mais longe, de acordo com a concepção de Williams, porque considera a totalidade do processo, e não apenas o sistema consciente de ideias e crenças disseminadas pelas classes dominantes e introjetadas pelas classes dominadas. Ainda que o conceito não exclua os valores, ideias e crenças desenvolvidos e propagados pelas classes dominantes, ele "não os equipara à consciência, ou melhor, não reduz a consciência a eles. (Coletivo Nacional de Cultura do MST, 2014, p. 38)

Essa preocupação com a influência hegemônica no campo cultural levou o MST a um exercício de produção na esfera cultural de enfrentamento. E, ao mesmo tempo, uma preocupação com a produção cultural que implica uma compreensão e uma prática totalizadoras. Desde a concessão do domínio da técnica, dos meios de produção, do processo coletivo de produção, até a experimentação de processos de socialização e sociabilidade que se contrapõem às práticas hegemônicas.

Em nossa análise, consideramos a prática cultural do MST como um processo de continuidade de uma construção de cultura política que foi brutalmente interrompida com a ditadura militar iniciada na década de 1960. Sobre essa questão, que entendemos ser um pilar para a compreensão da importância do papel da cultura na luta dos Sem Terra, encontramos o seguinte no estudo de Rafael Litvin Villas Bôas e Paola Masieiro Pereira (2014):

A historiografia sobre o impacto da última ditadura nacional aponta com competência os traumas que continuam a afetar a sociedade brasileira, mesmo após a redemocratização. Vale a pena destacar alguns deles, com a intenção de compreender, no desenvolvimento do argumento, qual foi a força potencial daquele processo de ascensão da luta popular: o fim da pretensão de construção efetiva de um projeto de nação; o aprofundamento da cisão entre as esferas da política, da economia e da cultura, e o consequente entendimento da cultura e da produção artística como sinônimo de entretenimento e espetáculo; o triunfo do liberalismo no campo das políticas culturais, de corte privatista, tendo como principal referência a Lei Rouanet; e a consolidação da Indústria Cultural como dimensão dirigente do bloco histórico hegemônico. (Litvin *et al.*, 2014, p. 2)

Assim, ter em conta estes elementos nos ajuda a não cair numa análise moralista ou culpabilizante de algumas questões no domínio cultural que não serão resolvidas apenas pela vontade. A intencionalidade política no trabalho cultural deve ser um princípio norteador. Tendo em vista que na prática cultural do MST encontraremos, de certa forma, um processo de continuidade das lutas político culturais que foram sufocadas pela ditadura.

Portanto, a dinâmica cultural do MST não pode ser adequadamente compreendida sem a análise de pelo menos esses quatro elementos que apresentamos. Vale observar que existem outras questões e demais possibilidades de abordagem; ainda assim, optamos por esse caminho de reflexão. Além disso, acrescentamos que a dinâmica cultural do MST não pode ser compreendida sem considerar dois outros elementos mediadores fundamentais: o enfrentamento permanente e a práxis.

O enfrentamento permanente é essencial porque é um movimento social que tem como centro a luta pela terra. No caso específico do Brasil, ela ultrapassa a ideia de uma luta puramente territorial no sentido de solo; esse território é também o conjunto de todas as relações que nele se estabelecem, que são tanto objetivas quanto subjetivas. E a luta pela terra, como objetivo primeiro do MST, não faz sentido se ficar apenas nela, ela tem que ser superada a partir da conquista da Reforma Agrária, e esta, da mesma forma, superada pela transformação social. Ou seja, o território em questão é também uma outra forma de produção e reprodução da existência humana (cultura) num outro projeto de sociedade, que também está em permanente enfrentamento.

Este enfrentamento permanente está fortemente enquadrado por elementos da cultura hegemônica. Portanto, partimos da ideia de um enfrentamento desigual, e precisamos compreender como ele foi moldado para não partirmos da análise equivocada de que se trata de uma disputa entre forças semelhantes. A disputa é desigual porque a conformação das forças também é desigual.

O enfrentamento permanente no campo das ideias é, neste contexto, um instrumento eficaz na luta de classes. Compreender seus mecanismos e conseguir inserir os elementos dessa batalha de ideias de forma integral nos processos de luta é o grande desafio. Esta seria a prática efetiva de uma atividade cultural e política diferenciada, uma práxis de combate permanente.

A práxis entendida como o exercício dialético de construção de processos culturais totalmente vinculados à realidade da vida e da luta dos Sem Terra, com seus limites, suas contradições, mas também com suas conquistas, nas quais teoria e prática caminham juntas e ambas são desenvolvidas pelos próprios sujeitos da luta, ou seja, os trabalhadores Sem Terra. Aqui é importante ressaltar novamente que essa construção não se dá de maneira isolada, dado que os sujeitos envolvidos estão inseridos em um mundo de relações hegemônicas pelo sistema capitalista.

Ao pensarmos nessas mediações do enfrentamento permanente e da práxis, situados num processo de luta e construção de um modo de vida, chegamos à ideia de que essa experiência cria uma dinâmica cultural diferenciada. Para nos aproximarmos ainda do que seria essa dinâmica se faz importante entender como a relação entre política e cultura é produzida na práxis do MST. E sobre essa questão destacamos:

A dinâmica de uma luta social que se desenvolve ao longo de um determinado período de tempo, como é o caso da luta pela terra e pela reforma agrária travada pelo MST, também tem um cotidiano, mas é um cotidiano que rompe ou pelo menos reelabora certos padrões ou tradições presentes no chamado modo de vida cotidiano. Produz, portanto, significados, valores, comportamentos, ideias, com uma dimensão diferente daquelas usualmente incluídas no conceito antropológico de cultura. (Caldart, 2000, p. 28)

Essa visão focaliza um movimento que tem em sua gênese um processo de luta que se confronta diretamente com a estrutura agrária brasileira. Esta é altamente concentrada nas mãos de poucos e é o embrião da desigualdade social latente no país. Portanto, quando nos referimos à luta do MST, entramos no campo da resistência e do enfrentamento. Isso nos permite detectar que a prática cultural faz parte do conjunto da luta do Movimento, sendo um exercício permanente de experimentação em oposição às práticas hegemônicas.

Sobre essas experiências, encontramos, no Relatório Final do Curso Nacional de Formação de Quadros de Comunicação e Cultura (2006)², e de forma sistematizada no *Glossário de Conceitos-Chave sobre Estética e Política*, alguns “pressupostos para uma ação contra-hegemônica” (Coletivo Nacional de Cultura do MST, 2014, p. 201-202), são eles:

1. Não há distinção entre política, cultura e comunicação, assim como não há distinção na luta de classes entre Estado e Capital. A luta pela transformação da sociedade exige mecanismos de transformação ideológica (da cultura e da comunicação). Uma estratégia de transformação não pode prescindir destes elementos e não é possível a um militante agitador, propagandista, comunicador e/ou artista atuar apenas na esfera da comunicação e da cultura, pois é necessário inserir-se e atuar nas trincheiras de uma organização ao serviço da transformação da sociedade.
2. Não basta apropriar-se dos meios da classe burguesa. Nem basta dar-lhe outro conteúdo. É necessário conferir-lhe outra função, para que esteja ao serviço da classe trabalhadora.
3. Isto exige ainda que a produção da comunicação e da cultura seja efetuada pelos próprios trabalhadores, para que desapareçam as divisões entre produtores e consumidores, entre trabalhadores e intelectuais ou trabalhadores e artistas.
4. Nossa produção precisa sempre partir da luta de classes, representar as contradições e não escondê-las, portanto deve apresentar os dois lados em oposição. Deve ainda superar a fragmentação, partindo do específico para mostrar a totalidade.

A luta para o MST é a matriz fundamental de todos os processos desenvolvidos pelo e no Movimento. É nessa luta que se forjam os seus militantes, as pessoas que tornam possível a existência do MST. O processo contínuo, que vincula a demanda específica e histórica, que é a luta pela terra,

² Mais informações em: *Aula sobre Agitação e Propaganda ministrada por João Pedro Stedile* (2006), Escola Nacional Florestan Fernandes, p. 4-7.

à construção dos sujeitos que nela atuam, baseia-se inicialmente na conquista de direitos básicos.

Entendemos que as conquistas de direitos como falar, escrever, elaborar e construir ideias para uma intervenção política de caráter emancipatório funcionam como um fio condutor para a compreensão da relação entre política e cultura na práxis geral do MST. Pois, ao ser praticado, ensina e educa o antes indivíduo invisível e socialmente excluído que é possível tornar-se sujeito histórico da transformação social. Essa intencionalidade na experiência vivida dos sujeitos da luta também faz parte da visão do MST sobre a importância da cultura e da educação. Essas duas esferas são compreendidas como um todo dentro da luta dos Sem Terra, que busca entender como essas experiências vividas são construídas, quais são suas origens, suas fontes na história da luta de classes. Nesse sentido, Roseli Caldart (2000) nos traz as seguintes ideias:

A opção de olhar o MST através da sua dimensão sociocultural, através desse recorte da noção de cultura, eu encontrei em três fontes principais. A primeira delas é a realidade do próprio MST e de uma certa leitura dele que começa a predominar na sociedade, e como o MST começa a construir uma forma de olhar para si mesmo que inclui essa mesma perspectiva. A segunda fonte é a tradição teórica de análise da história popular e, particularmente, da história dos movimentos sociais, que têm dado bastante ênfase à dimensão da cultura, na perspectiva de dar continuidade à elaboração de uma interpretação marxista da história e dos processos de transformação social. E a terceira fonte são elementos da teoria pedagógica que dão suporte a uma abordagem das ações educativas presentes nos movimentos sociais e que concebem a educação como um processo de formação humana, necessariamente vinculado às práticas sociais, à história e à cultura. (Caldart, 2000, p. 31)

Como pudemos observar, o processo de formação da militância no MST é bastante diversificado. Ele parte da conquista de direitos básicos no âmbito educacional, como a alfabetização, por exemplo, para se tornar protagonista na militância política. Trata-se de um caminho árduo e complexo, desde a descoberta da palavra escrita e das noções de direitos básicos até a capacidade de elaborar uma intervenção política articulada. Isso nos permite afirmar que no MST os sujeitos da luta são os próprios Sem Terra. E que a educação e a formação integral são os primeiros espaços para a formação estruturada desse grande processo emancipatório que é a luta do MST.

A formação cultural: abordando as concepções de preceitos contra-hegemônicos e experimentações culturais no conjunto do MST

Na práxis do MST, a formação é uma das práticas mais permanentes. A ideia de integralidade prevalece, e é através da formação que o indivíduo encontra o caminho para se tornar um sujeito social de luta (permanente). Para o MST, a educação é um caminho concreto para a emancipação.

O processo de formação no Movimento Sem Terra não é uma questão separada das múltiplas experiências derivadas da luta. É um elo dialético, onde seus conteúdos e formas são dados e alterados de acordo com as necessidades do próprio MST. Isso nos permite afirmar que a formação no MST funciona como um motor que contribui para a promoção e o aprofundamento das questões latentes na organização e em seus integrantes.

No que diz respeito à cultura na luta, não é diferente. À medida que surgem questões e práticas que precisam ser pensadas por mais militantes, elaborações são intencionalmente produzidas. Ou, da mesma forma, quando há práticas que precisam ser socializadas ou questionadas, formulações também são produzidas, de uma forma ou de outra, a partir daquele coletivo, no mesmo processo da prática. A ideia não é esquematizar os processos de elaboração no MST, mas afirmar que prática e teoria no MST são consideradas unívocas, inseparáveis, importantes e exercidas a partir de necessidades concretas.

No contexto do desenvolvimento das ideias culturais no MST, podemos perceber um explícito empenho de todos os setores na concretização das ideias fundadoras. Foi o que ocorreu nos seminários O MST e a Cultura, realizados em 1998 e 1999³, por exemplo, bem como, em tantos outros espaços de formação e elaboração da organização.

Com o intuito de seguir nesse processo de compreender os passos dados, a seguir apresentamos uma breve análise de algumas das questões — entre elas, dialogando teoria e prática — que permeiam o trabalho cultural no MST no período que estamos tratando, mas que são consideradas em formulação aberta no MST.

No caso da cultura, por permear várias esferas do MST como um todo, também encontraremos diferentes interpretações de um mesmo fenômeno. Isso

³ Ver mais em Bonassa, 2011, p. 55-62.

nos fornece um interessante material de estudo, ao mesmo tempo em que gera condições para um trabalho cultural dialético. Para esse exercício analítico, tomaremos como fontes principais as sistematizações dos estudos e debates ocorridos em dois importantes cursos de formação realizados em 2005 e 2006.

O Curso Nacional Arte e Cultura na Formação foi realizado de 1 a 16 de julho de 2005, na Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF). Contou com a participação de 100 militantes do MST e de outros movimentos sociais. A estrutura organizativa e a divisão do tempo de estudo foi executada entre aulas, oficinas práticas e atividades noturnas de análise e estudo de manifestações culturais e artísticas, além de momentos de socialização e confraternização. Ao mesmo tempo, foram sistematizadas as Linhas Políticas do Coletivo Nacional de Cultura do MST.

Como resultado dos debates que foram retomados no curso de formação de 2005, surgiu a necessidade de construir um processo mais aprofundado e contínuo sobre os temas e práticas da cultura e da comunicação no MST. Foi com esse objetivo que se realizou a 1ª Etapa do Curso Nacional de Formação de Quadros em Comunicação e Cultura⁴, de 15 a 30 de agosto de 2006, na Escola Nacional Florestan Fernandes. Participaram do curso 50 militantes de vários estados do país, que foram selecionados por suas vinculações orgânicas em seus respectivos estados ou em nível nacional. A proposta das etapas⁵ respondeu à necessidade de aprofundar os temas e suas potencialidades no trabalho desses setores na luta do MST.

Como havíamos afirmado anteriormente, abordaremos os temas de forma conjunta, reconhecendo que os cursos são um referencial específico. Essa opção se justifica por entendermos que não é nos cursos em si que os temas são definidos, mas na própria experimentação cultural do Movimento Sem Terra. Portanto, o que importa são as ideias elaboradas, que se dividem metodologicamente nos seguintes eixos: a constituição das ideias culturais e políticas no Brasil; a indústria cultural; a relação entre conteúdo e forma; o artista militante e o papel da arte na luta; e outras breves observações.

4 A primeira etapa foi introdutória ao restante do curso. Parte, portanto, da problematização da experiência histórica do MST e da classe trabalhadora e da identificação desses limites, a partir do estudo filosófico do marxismo.

5 A duração proposta para o curso era de dois anos, divididos em seis etapas.

Em relação à constituição contraditória das ideias culturais e políticas no Brasil, fizemos uma seleção do que consideramos um avanço e que, ao mesmo tempo, precisa ser recuperado nas práticas culturais do MST como um todo. Elementos essenciais emergem do debate conduzido pelo professor Francisco Alambert (*apud* Coletivo Nacional de Cultura do MST, 2006, p. 18)⁶:

A estrutura econômica de produção (escravidão) e o padrão de sociabilidade da política do favor estavam em contradição com a estrutura capitalista, da qual o Brasil fazia parte. Com isso, a "alta cultura" no Brasil também está em contradição, pois professa a beleza, a poesia, o idealismo, a igualdade etc., "assentados" na estrutura da escravidão e do favor (mesmo com o fim da escravidão, a política do favor, criada por aquela estrutura econômico-social, permanece)... Desmentidas na prática, o que era óbvio e evidente para todos, as ideias europeias serviam de ornamentação, pois não tinham fundamento real. Isso permitia que o dono fosse poeta, simpatizante socialista, comunista, desde que isso não mudasse a realidade do fundamento - a eficácia das ideias no Brasil era de outra ordem.

Essa conformação cultural distancia-se da realidade desigual do Brasil, mas marcará permanentemente todas as ideias e práticas culturais do país. Cria-se uma espécie de camuflagem cultural que estará a serviço de uma noção velada e equivocada de nação. Entender essa questão é extremamente necessário para aqueles que acreditam que o campo cultural é um dos espaços e práticas com possibilidades emancipatórias. Sabemos que o contrário dessa ideia já foi estabelecido pelos padrões hegemônicos impostos pelo sistema.

E a desconstrução desse sistema de ideias é urgente no campo da luta social no Brasil, como alerta Roberto Schwarz (1987) em um dos textos estudados pelos militantes no curso de 2005. No que diz respeito à compreensão dos movimentos dos trabalhadores, ele aponta:

Há objeções ao debate cultural no seio do movimento de trabalhadores. Algumas resultam de um preconceito invertido: como a burguesia dificulta o acesso dos trabalhadores à cultura, consideram que a cultura é para a burguesia. Outros dizem que a energia do movimento não deve ser desviada das questões políticas prioritárias. Outros ainda dizem que o povo já tem sua cultura e o importante é preservá-la e limpá-la do contrabando

⁶ Da palestra de Francisco Alambert, intitulada *A constituição de um ponto de vista crítico sobre a experiência ideológica no Brasil* (Coletivo Nacional de Cultura do MST, 2006, p. 18).

da cultura burguesa e da modernização. A tese desta página vai no sentido oposto: com o surgimento dos meios de comunicação de massa, que transformam enormemente o processo de expressão e comunicação social, a questão cultural tornou-se decisiva precisamente para o trabalhador. (Schwarz, 1987, p. 83)

Como podemos observar, no campo cultural encontramos essas questões de ideias deslocadas em relação à realidade. Na relação entre cultura e política, também são construídas deturpações, inversões ou simplificações semelhantes, que em nada contribuem para o fortalecimento de ideias com caráter transformador. O que podemos aprender com essas intervenções, que foram amplamente debatidas nos cursos, pois focaram a questão da prática cultural do MST, é que as questões do campo cultural não se resolvem isolando-as dos elementos estruturantes da formação da sociedade brasileira. Os elementos-chave para o aprofundamento dessa compreensão estão associados à formação desigual do Brasil. Noutra visão, essas contradições são ignoradas para que predomine a noção de um país cultural e politicamente resolvido.

Seguindo o caminho de compreender os fenômenos como processos constituídos nos grandes confrontos de ideias que configuram a luta de classes na humanidade, outro tema importante presente nos cursos foi a indústria cultural. A partir da aproximação com a percepção de que não se trata de uma questão de escolha, mas de uma estruturação do sistema capitalista, encontramos o seguinte no debate organizado pelo professor Marildo Menegatti (*apud* Coletivo Nacional de Cultura do MST, 2005, p. 8)⁷:

A indústria cultural: houve um momento chave de afirmação e negação do capitalismo, em julho de 1848, em França, deu-se a revolução do proletariado, espontânea, organizada pelo próprio proletariado, sem a ajuda da burguesia, na tentativa de construir uma sociedade diferente. A burguesia apercebeu-se de que não podia construir uma cultura emancipatória e transformou-a num espetáculo excepcional, numa estratégia de combate às massas, transformou-a numa forma de idiotização e espetacularização da humanidade. A indústria cultural torna-se uma forma lucrativa de acumulação de riqueza. Já em 1830, Balzac falava da indústria cultural, que se tornaria robusta no século XX. Bismarck dizia que se o povo *superasse* o modo de fazer salsichas e leis, "nós (a burguesia) estaríamos perdidos.

⁷ Da conferência de Marildo Menegatti intitulada: *Indústria cultural e mercantilização da vida* (Coletivo Nacional de Cultura do MST, 2005, p. 8).

Marildo Menegatti aponta a questão central de que a indústria cultural surge como um mecanismo de confronto com os trabalhadores. Onde o processo de tolhê-los não só é útil na dominação orquestrada pela burguesia, como também gera lucro. Portanto, é um instrumento vivo nas engrenagens do sistema capitalista, que se apresenta de forma sutil, escondendo sua essência brutal. Podemos ver essa característica da Indústria Cultural neste outro fragmento do debate, também de Marildo Menegatti (*Ibidem*):

A reflexão da burguesia é que é necessário destruir o proletariado, para que a emancipação não possa ser trabalhada. A indústria cultural não surge ingenuamente, é uma resposta às lutas de classes, com o objetivo de domesticar o proletariado. As próprias massas nunca serão revolucionárias nesta sociedade, no momento em que o trabalhador vende a sua força de trabalho, está a tornar-se parte da sociedade burguesa. Além disso, torna natural que os trabalhadores aceitem e acreditem que é natural serem explorados.

A partir dessas reflexões, é possível reforçar a ideia de que a disputa na qual os Sem Terra estão inseridos, ou se entende a astúcia e o poder do inimigo, ou as ações culturais podem ser distorcidas e transformadas em nada mais do que uma diversão ou um desvio. A disputa dá à classe trabalhadora um resultado negativo, ela parte de uma certa desigualdade de condições. Pois, como encontramos na exposição de Francisco Alambert, no decorrer de 2005, “[...] a ultra-exploração era a condição do produtor cultural pobre no Brasil, herança da sociedade colonial, escravocrata e patriarcal. É nisso que consiste a indústria cultural no Brasil” (*apud* Coletivo Nacional de Cultura do MST, 2005, p. 16).⁸ Essa conformação desigual também estará presente nos trabalhos e formulações sobre a questão cultural no Brasil, razão pela qual é necessário redobrar o olhar crítico sobre tudo o que diz respeito à cultura e à arte no país.

⁸ Da palestra de Francisco Alambert, intitulada *A constituição de um ponto de vista crítico sobre a experiência ideológica no Brasil* (*apud* Coletivo Nacional de Cultura do MST, 2005). Sobre a mesma questão, Francisco Alambert acrescenta, referindo-se a um dos maiores sambistas da história do Brasil: “Ismael Silva era um negro pobre de Niterói, fundador da primeira escola de samba. Sobrevivia vendendo sua arte a um preço muito baixo para cantores brancos, que compravam, assinavam e se tornavam coautores. Dessa forma, ele acabou perdendo os direitos autorais da composição, como aconteceu também com Cartola e outros” (Coletivo Nacional de Cultura do MST, 2005, p. 16).

Como parte do processo combinado de compreensão de todas as esferas artísticas e culturais, encontramos nesse período uma espécie de inquietação em relação à forma de produção artística cultural por parte da militância cultural do MST. A constatação de que havia indícios de uma aproximação com a forma mercantilizada de produção artística fez soar o alarme sobre a questão. Isso justifica a presença do tema que busca analisar a relação entre forma e conteúdo no trabalho cultural do MST. Nos cursos, é marcante o exercício de análise permanente de obras artísticas, tanto internas quanto externas ao MST. Existia um incômodo que se apresentava no questionamento sobre a produção artístico cultural do movimento, e o caminho encontrado foi aprofundar no tema, e a partir do estudo, do debate e da prática elaborar sobre essa latente questão.

No que diz respeito às questões formais do teatro, prática muito ativa no MST nesse período, o tema dos gêneros teatrais trouxe uma interessante releitura dessa prática no conjunto do movimento. Sobre o assunto encontramos o seguinte trecho da palestra de Sérgio de Carvalho (*apud* Coletivo Nacional de Cultura do MST, 2005, p. 12)⁹:

O drama tem o foco no indivíduo, usando o diálogo como forma de se relacionar com o público... histórias/cenas sustentadas pelo diálogo entre indivíduos, colocando-o fora do contexto social. Como se os problemas pessoais não fossem forçados pelo sistema. O que se destaca é o eu, manipulando o público em relação a ele... Boas intenções não bastam na arte, a forma pode destruir tudo o que foi construído.

Na sequência da problematização e do diálogo com as preocupações suscitadas pelas questões dos participantes no curso, encontramos também ideias em Sérgio de Carvalho (*Ibidem*, p. 14):

O bom teatro é o teatro que abre questões para debate, por isso tem de ser bem feito. Precisamos reinventar as formas. A função da forma tem de estar dentro da relação produtiva, toda a gente tem de se sentir produtora de cultura, tem de ter um valor de uso e não é só um ornamento. Se você só faz porcaria, você fica condicionado à repetição.

9 Da palestra de Sérgio de Carvalho intitulada *Momentos de politização do teatro brasileiro: modernismo e anos 1960* (Coletivo Nacional de Cultura do MST, 2005)

Como podemos observar, surgem questões no campo teatral que foram vivenciadas, e que fizeram com que os temas abordados não fossem apenas conteúdos de sala de aula. Eles se tornaram um caráter estruturante do próprio trabalho teatral no MST. Em suas intervenções, os militantes apresentavam argumentos e questionamentos que mesclavam curiosidade e vivência da experiência teatral. Situa-se a questão do drama e do épico nas performances do MST. A aproximação já iniciada com Brecht e seu legado foi aprofundada, como podemos interpretar na apresentação de Zé Fernando (*apud* Coletivo Nacional de Cultura do MST, 2005, p. 54)¹⁰:

O épico é a tentativa de organizar esteticamente as experiências. O teatro épico implica uma voz coletiva, pressupõe um enquadramento da individualidade - é uma forma de organizar as experiências... O legado de Brecht é a ligação entre a produção artística e as organizações coletivas... As cenas construídas têm de ser coletivas, a relação de trabalho na produção artística tem de ser o reconhecimento das especificidades, coloca a questão da função de cada especificidade do trabalho durante o processo de construção... Que linguagens interessam? As coisas deixam de ser o que são na ordem do cotidiano. A epopeia é o modo de elaborar, perceber e dar sentido às técnicas.

A ideia de que o teatro épico é a tentativa de colocar a dialética no palco, uma vez que os problemas da vida se resolvem na própria vida e não no palco, ajudará a romper com uma visão romantizada de que a arte pode resolver as contradições do próprio movimento. E, ao mesmo tempo, favorece o diálogo entre intencionalidades quando se trata de relacionar conteúdo e forma. Uma vez que, como afirmou Zé Fernando (*Ibidem*, p. 56), "A opção política tem como consequência uma opção poética - uma forma de dizer o que queremos dizer". Isso nos remete à ideia já presente no Movimento como um todo de que não há conteúdo revolucionário sem forma revolucionária.

Também relacionado aos temas aqui abordados, e que foram aprofundados nos cursos, destacamos o debate sobre o artista militante e o papel da arte na luta.

10 Da comunicação de Zé Fernando intitulada: *O legado de Brecht* (Coletivo Nacional de Cultura do MST, 2005).

Interessante destacar que esse tema, que a princípio pode parecer resolvido no seio de um movimento como o MST, na verdade não é de tão simples trato. Existiam e seguem existindo compreensões distintas. Também por essa complexidade é um tema sempre presente, debatido. Foi interessante notar nas sistematizações do curso que as intervenções sobre este tema não apresentam desvios na abordagem do assunto. As colocações são precisas e diretas, o que facilitou o agrupamento das intervenções e nos permitiu realizar um processo dialético e dialógico de sistematização. Como podemos observar neste trecho de um artigo de Iná Camargo (*apud* Coletivo Nacional de Cultura do MST, 2005, p. 25)¹¹:

Brecht descobriu que todo artista é um trabalhador como qualquer outro, que vende a sua força de trabalho em condições determinadas pelo capital... A produção de obras já não é um assunto individual, os artistas trabalham coletivamente, quer tenham ou não consciência disso. A ideia de trabalho individual deve ser superada, pois faz parte da campanha contra o socialismo dizer que nesse sistema não há liberdade, quando é justamente no capitalismo que isso acontece... O papel político do artista é pensar a obra dentro das relações de produção

A ideia do artista como trabalhador é a chave para romper com o pensamento hegemônico de super-elitização do artista. Colocar os artistas nas mesmas condições de exploração que os demais no sistema capitalista é fundamental. Tal entendimento expõe a falácia de que o artista é um ser superior, dotado de uma aura quase suprema. A ideia de que a arte é uma atividade produtiva foi extremamente importante nas elaborações do MST no campo da cultura. Como reforça Iná Camargo (*Ibidem*), quando apresenta a ideia de que há uma interação entre as esferas da militância no MST como um todo e as especificidades do trabalho cultural e artístico. Estar atento e participar de ambas as esferas com o mesmo rigor e comprometimento é tarefa básica do artista militante, uma vez que "a necessidade revolucionária obriga o político a pensar como artista e o artista a pensar como político" (*Ibidem*, p. 26).

Sobre o caráter questionador da arte e o papel dos artistas intelectuais do MST, Iná Camargo aponta que a tendência natural é que as intervenções

11 Do artigo de Iná Camargo intitulado *Arte e política na formação da militância* (In: Coletivo Nacional de Cultura do MST, 2005).

artísticas respondam às questões que o movimento está discutindo; e, portanto, é necessário que esses artistas militantes conheçam profundamente as linhas políticas do MST. Isso se deve ao fato de que a essência do Coletivo de Cultura é de natureza política, daí a importância da tarefa.¹²

Em relação à lógica do espetáculo ainda em vigor nas atividades culturais, encontramos:

O movimento produz arte fora do mundo da mercadoria, que já aponta para novas alternativas (por exemplo, a mística), essa discussão é importante para que não se estabeleçam relações mercantilistas dentro do próprio MST. Fazer um show com artistas de fora do MST é colocar a cultura no âmbito da mercadoria. Essa reflexão precisa ser apreendida de forma complexa, levando em conta estratégias e táticas. (Coletivo Nacional de Cultura do MST, 2005, p. 27-28)

Este é mais um dos debates complexos e fundamentais. Nas intervenções da militância apareceram preocupações em relação às brechas que vão se abrindo para práticas artísticas e culturais dentro das atividades e espaços da organização. Como por exemplo a preocupação latente de como lidar com o processo de individualização da produção artística e suas consequências para o todo. Pois, como pudemos identificar, o MST não estava isento das práticas culturais hegemônicas. Iná Camargo (*apud* Coletivo Nacional de Cultura do MST, 2006, p. 47) discute essa questão nos dizendo:

Do militante tem-se o direito de exigir militância, lealdade, compromisso. O que resolve um camarada que tem um discurso de que o direito de produzir é de todos e depois quer produzir para si? Tem que perguntar se ele está no movimento porque este lhe dá a sensibilidade de ascensão e inserção no sistema capitalista, ou se ele está lutando pelo socialismo.

Temos consciência de que ainda não podemos afirmar que prevalece a compreensão plena de que o militante artista é um trabalhador como os demais membros do MST; mas se faz necessário cultivar a ideia e a prática de que um militante artista ou artista militante deve estar a serviço da organização. E a abordagem desse debate nos cursos contribuíram em sua formulação e desenvolvimento para o aprofundamento da questão. Assim, para o MST, fica

¹² Ver mais em Bonassa, 2011, p. 113-116.

explícita essa complexidade e o fato de que não é possível dialogar arte e cultura ignorando sem debater os sujeitos e suas compreensões no trilhar desse processo.

Como podemos observar, cada tema abordado neste artigo possibilita uma série de desdobramentos, posições e interpretações. Percebemos que apesar da abordagem temporal (2002-2007), esses são temas ainda vigentes, dentro e fora do MST. E por isso, merecem espaços para que possam ser debatidos, analisados, elaborados, de maneira coletiva e estritamente vinculados à luta política.

Conclusão

A partir dos elementos neste artigo apresentados, podemos reconhecer que a produção de conhecimento no MST é um processo contínuo, intimamente ligado à realidade em que se desenvolve a luta estratégica do movimento. Portanto, podemos assumir que a produção intelectual no campo da cultura é um fenômeno orgânico e coerente com a visão política do MST. Isso não apenas responde às necessidades da própria organização, mas simultaneamente configura organicamente uma construção do pensamento cultural no MST, que desde o início foi expressão das características próprias do processo de luta dos Sem Terra.

Concluimos também que a trajetória cultural e artística do quinquênio 2002-2007 não se constituiu de forma harmoniosa, nem linear, pelo contrário, foi marcada por contradições vividas pelo conjunto do MST no período. Onde os conceitos contra-hegemônicos que foram sistematizados e praticados conferiram à cultura no MST um papel político marcado pelo questionamento e novas propostas.

A compreensão de que a cultura e a arte vão além do entretenimento permite que a militância do MST experimente processos com caráter contra-hegemônico marcado no campo cultural. E, ao mesmo tempo, fomentou a necessidade de desconstruir a ideia do artista como ser isolado e valorizar as produções coletivas em conexão com a estratégia.

A relação política e cultural na práxis do MST também se configura em estreita relação com o contexto histórico-cultural correspondente à sociedade brasileira. O que nos permite concluir que, tratando-se das especificidades dessa relação no MST, outros atores e processos também influenciam essa relação.

A compreensão da relação entre cultura e território também se destacou em nossa abordagem. Uma vez que, ao examinar a cultura como processo de produção e reprodução da vida, a localização e as relações que estão inseridas nesse território também configuram elementos constituintes dessa prática cultural no MST. De modo que essa configuração cultural também está em confronto direto com as formas homogeneizadoras e o arsenal cultural do sistema capitalista.

A prática cultural no MST gera reflexões e conhecimentos de peso teórico que são formulados na práxis a partir dos elementos extraídos da própria luta dos sem-terra. Conjugada com a relação permanente com outros setores da sociedade e, também, com processos de outros movimentos, assessores, grupos culturais etc.

A relação entre cultura e política na prática de luta do MST é a principal fonte de elementos contra-hegemônicos presentes nas práticas culturais. É na luta que os militantes sem terra percebem e intencionalizam o papel da cultura como espaço de confronto e resistência.

REFERÊNCIAS

BOGO, Ademar. **O vigor da Mística**. São Paulo: s/n, 2000.

BOGO, Ademar. **O MST e a Cultura**. São Paulo: ANCA, 2000.

BONASSA, Juliana. **Caminos y descaminos en la construcción de una praxis cultural emancipadora. Un registro crítico del desarrollo del Colectivo Nacional de Cultura del Movimiento Sin Tierra de Brasil de 1996 – 2006**. Trabajo de Conclusión de Curso presentado para la obtención del título de licenciada en Historia del Arte de la Facultad de Humanidades de la Universidad de Oriente. Santiago de Cuba, 2011.

BONASSA, Juliana. O papel das linguagens artísticas na formação humana. In: **Seminário Artes nas Escolas**. Guararema: ENFF, 2013.

BONASSA, Juliana. **La relación política y cultura en la praxis del Movimiento de los Trabajadores Sin Tierra de Brasil (MST). Una reflexión acerca de los elementos contra hegemónicos existentes en la experimentación cultural del MST en el quinquenio 2002-2007.** Tesis presentada en la opción al grado académico de Master en Desarrollo Cultural Comunitario. Mención: Estudios Culturales de Comunidades de la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad de Oriente. Santiago de Cuba, 2015.

BOSI, Alfredo. A Importância da Cultura na Construção de um Projeto Popular Alternativo. In: **Reunião da coordenação nacional do MST.** Cajamar: s/n, 2003.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola.** Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

CAMARGO COSTA, Iná. **A Hora do Teatro Épico no Brasil.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

CAMARGO COSTA, Iná; CARVALHO, Doberto. **A luta dos grupos teatrais de São Paulo por políticas públicas para a cultura. Os cinco primeiros anos da Lei de Fomento ao Teatro.** São Paulo: Cooperativa Paulista de Teatro, 2008.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia.** São Paulo: Editora Cortez, 2001.

COLETIVO DE COMUNICAÇÃO, CULTURA E JUVENTUDE. **Agitação e propaganda no processo de transformação social.** São Paulo: Via Campesina, 2007.

COLETIVO NACIONAL DE CULTURA DO MST. **Relatório Final do Curso Arte e Cultura na Formação.** Guararema: ENFF, 2005. Não publicado.

COLETIVO NACIONAL DE CULTURA DO MST. **Relatório da 1ª etapa do Curso Nacional de Formação de Quadros em Comunicação e Cultura.** Guararema: ENFF, 2006. Não publicado.

COLETIVO NACIONAL DE CULTURA DO MST. **Síntese do debate realizado pelo Coletivo Nacional de Cultura durante a Coordenação Nacional do MST.** São Paulo: ENFF, 2010. Não publicado.

COLETIVO NACIONAL DE CULTURA DO MST. **Fases de desenvolvimento do Coletivo Nacional de Cultura.** São Paulo: s/n, 2012.

COLETIVO NACIONAL DE CULTURA DO MST. **Relatório da Reunião do Coletivo Nacional de Cultura de 15 a 17 de março.** São Paulo: ENFF, 2014.

COLETIVO NACIONAL DE CULTURA DO MST. **Programa de Formação do Coletivo de Cultura do MST. Versão 1.** São Paulo: ENFF, 2014. Em construção.

COLETIVO NACIONAL DE CULTURA DO MST. **Apostila: Cultura, Arte e Política.** S/N, 2014. Não publicado.

COLETIVO NACIONAL DE CULTURA DO MST. **Cultura e Reforma Agrária Popular. Caderno de Cultura nº1**. São Paulo: Secretaria Nacional do MST, 2018.

COMPARATO, Bruno Konder. **A ação política do MST**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2000.

COUTINHO, Carlos Nelson. 2011. **Cultura e sociedade no Brasil. Ensaio sobre ideias e formas**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004.

FROZI, Luciana. **Teatro e formação: a experiência do Grupo Peça pro Povo**. Monografia de final de curso, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens. UnB, Brasília, 2010.

HEREDIA, Fernando Martínez. **El ejercicio de pensar**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2010.

LEITÃO, Luiz Ricardo. **O campo e a cidade na literatura brasileira**. 1ª edição. Veranópolis: Iterra, 2007.

LIMA, Venício A. **Comunicação e cultura: as ideias de Paulo Freire**. Brasília: Editora UNB, 2011.

LITVIN VILLAS BÔAS, Rafael; MASIERO PEREIRA, Paola. **Teatro Político, questão agrária e ditadura: Dimensão do trauma, defasagem e retomada**. Brasília: s/n, 2014.

LITVIN VILLAS BÔAS, Rafael; MASIERO PEREIRA, Paola. **Cultura, Arte e Comunicação**. São Paulo: Outras Expressões, 2015

LOOP, Carla Maria. **Cultura e arte: Sua relação com a formação da consciência – a experiência do Colégio Estadual Iraci Salete Strozak**. Monografia de final de curso submetida à Faculdade UnB Planaltina, da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do Grau de Licenciado em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens. Brasília, 2010.

MANÇANO, Bernardo. **MST: Formação e territorialização em São Paulo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

MANÇANO, Bernardo. **Brava Gente. A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil: entrevista a João Pedro Stédile**. Argentina: Ediciones Barbarroja, 2000.

MORETI, Julio. Henrique. **A práxis da cultura no MST**: A Experiência em processo da Brigada Estadual de Cultura do MST/MS Filh@s da Terra. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História, do Centro de Ciência Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2011.

MORISSAWA, Mitsue. **A História da Luta pela Terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

MOURA, Luiz Henrique Gomes de. **Questão Agrária e Hegemonia**: A unidade produtiva como campo de batalha entre a alienação e a emancipação. Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de (Mestre em Agroecossistemas) - Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

PIZETTA, Adelar. **A consciência das massas e a formação de militantes**. Guararema: ENFF, 2004.

SANTOS, Milton. **O retorno do território**. Buenos Aires: Clacso, 2005.

SCHAWARZ, Roberto. **Política e Cultura**. In: **Que horas são?** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SCHELLING, Vivian. **A presença do povo na cultura brasileira**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

SILVA, Maria Aparecida Moraes. **A luta pela terra: experiência e memória**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

SOTTILLI, Tiago. **Mística e arte no processo de formação do IEJC**. Monografia de final de curso submetida à Faculdade UnB Planaltina, da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do Grau de Licenciado em Educação do Campo, com habilitação na área de Ciências da Natureza e Matemática [ou Linguagens], Brasília, 2010.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

WASKIEVICZ, Carmem Aparecida. **Agitação e propaganda nos processos de luta do Acampamento Jair Antônio da Costa**. Monografia de final de curso submetida à Faculdade UnB Planaltina, da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do Grau de Licenciado em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens, Brasília, 2011.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WILLIAMS, Raymond. **A política e as letras**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

Recebido: 22/06/2025

Aceito: 23/09/2025